

**Atena**  
Editora  
2019

**Denise Pereira**  
**(Organizadora)**

# **Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3**



Denise Pereira  
(Organizadora)

# Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /  
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.  
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9261905021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9261905022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9261905023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9261905024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9261905025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9261905026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9261905027</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 79**

PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO

Leonice Rosa da Cunha Abreu

Zenaide Lima de Sousa

Elio Ferreira Souza

**DOI 10.22533/at.ed.9261905028**

**CAPÍTULO 9 ..... 82**

RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI

João Batista Romualdo Alves

**DOI 10.22533/at.ed.9261905029**

**CAPÍTULO 10 ..... 87**

UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES

Hinara Dias Juca

Leididaiane Inácio de Sá

Ana Técia de Lima

**DOI 10.22533/at.ed.92619050210**

**CAPÍTULO 11 ..... 95**

VIDA E MORTE QUILOMBOLA

Adelmir Fiabani

**DOI 10.22533/at.ed.92619050211**

**CAPÍTULO 12 ..... 109**

LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA

Sérgio Rodrigues de Souza

Liliane Rodrigues de Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.92619050212**

**CAPÍTULO 13 ..... 116**

VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Cláudio José Araújo Silva

**DOI 10.22533/at.ed.92619050213**

**CAPÍTULO 14 ..... 124**

CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Terezinha Richartz

**DOI 10.22533/at.ed.92619050214**

**CAPÍTULO 15 ..... 133**

HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

Deyse Morgana das Neves Correia

**DOI 10.22533/at.ed.92619050215**

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>147</b>
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virilândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosilêa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>157</b>
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>167</b>
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>182</b>
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>189</b>
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>203</b>
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>212</b>
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>222</b>
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050223</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>228</b>
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>234</b>
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>244</b>
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>254</b>
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>267</b>
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>277</b>
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>285</b>
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92619050230</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>293</b>

## O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO

**Guilhermina Pereira da Silva**

Escola de Belas Artes da Universidade do Porto  
Porto, Portugal

**RESUMO:** Este artigo pretende, através de imagens e texto, provocar reflexões a cerca das funções subjetivas dos corpos não normativos na sociedade. Para isso as imagens se valem de metáforas visuais em um universo místico plasmado no desenho e na pintura. Enquanto artista utilizo o recurso do mundo fantástico para fazer emergir daí um pensamento que questiona a minha realidade enquanto mulher transexual e os conflitos que decorrem desse fato. Utilizo conceitos de *performatividade*, *subversão* e *profanação* para analisar o processo de pesquisa e criação dentro da experiência da produção artística para a exposição Bosque, realizada em outubro de 2015 na Galeria Capibaribe do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. Preparei essa exposição enquanto completava minha transição de gênero física e social. Essas imagens refletem o atravessar do meu corpo por uma segunda puberdade induzida por medicamentos e os questionamentos que fazia a mim mesma e ao mundo que me rodeava.

**PALAVRAS CHAVE:** Artes plásticas, corpo, desenho, transexualidade.

**ABSTRACT:** This article aims, through images

and text, to provoke reflections about the subjective functions of non-normative bodies in society. For this, the images use visual metaphors in a mystical universe embodied in drawing and painting. As an artist I use the resource of the fantastic world to emerge from there a thought that questions my reality as a transsexual woman and the conflicts that result from this fact. I use concepts of performativity, subversion and desecration to analyze the process of research and creation within the experience of artistic production for the exhibition Bosque, held in October 2015 in the Capibaribe Gallery of the Centro de Artes e Comunicação of UFPE. I prepared this exhibition while completing my transition from physical and social gender. These images reflect the crossing of my body through a second drug-induced puberty and the questions I asked myself and the world around me.

**KEYWORDS:** Visual arts, body, drawing, transsexuality.

Apresentei a exposição individual Bosque na Galeria Capibaribe por ocasião do edital 2014 da PROEXC/UFPE, na galeria Capibaribe do Centro de Artes e Comunicação (CAC)/UFPE em 2015. Nesta ocasião expus trabalhos de desenhos em nanquim sobre Duratex.

Este artigo se insere num contexto

importante onde os padrões de gênero pré-estabelecidos ainda atuam de forma coercitiva nos corpos proporcionando um olhar distorcido sobre a nossa sociedade heteronormativa. Ele coloca o tema de gênero e sexualidades em discussão através das imagens.

O objetivo desse artigo é de refletir sobre ser transexual e artista, tecendo uma análise dos vestígios das minhas experiências de criação. Várias atividades complementares foram realizadas durante a exposição: uma improvisação com os alunos do curso de Dança, dentro de uma das suas disciplinas práticas; uma discussão sobre minha experiência como artista para o curso de artes visuais; uma entrevista pela assessoria de comunicação da UFPE; além das inúmeras narrativas que me foram contadas em relação as imagens.

A metodologia consistiu numa análise das imagens para reflexões que se importam com o corpo e as suas representações na nossa sociedade de papéis tão estreitos de gênero. Esta análise estará ancorada no método da *a/r/tografia*, uma vez que não hierarquiza a relação entre texto e imagem. *A/r/tografia* é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles encontram-se em momentos de mestiçagem ou hibridização (BELINDSON, 2010). Visto que o método *a/r/tográfico* compreende essa hibridização, este se encaixa na análise da exposição *Bosque*, uma vez que nele as imagens têm intensidade textual. Essas imagens não apenas ilustram esse artigo, elas se comunicam com esse texto tecendo assim uma compreensão do processo como um todo. No que concerne a exposição em si, a minha proposta enquanto artista era que as imagens tivessem importância ainda maior que o texto, de modo que me abstive de colocar títulos nas peças. Dar essa importância a imagem num cenário acadêmico predominantemente textual possibilita horizontalizar as relações entre pesquisa artística e acadêmica.

Nos meus processos artísticos tento expressar os conflitos que possuo com meu corpo e como a sociedade, é tanto um olhar de fora para dentro, quanto de dentro para fora, que se constitui numa jornada de eterno autoconhecimento. Nesta série em especial, utilizei o termo *Bosque* para designar seu título, uma metáfora para o interior, fechar-se dentro de si mesma. Em sua definição científica o bosque

...é uma denominação para certas formações florestais com árvores, arbustos e outras plantas, quase mono específicas, menor do que uma floresta. Neles as copas das árvores não formam uma cobertura contínua — isto é, as árvores encontram-se mais afastas. (Texto de curadoria. M. Sette 2015).

Aproprio-me aqui, desse verbete: O *Bosque* de Velicastelo é uma metáfora para o meu inconsciente onde essas imagens convergem entre si e produzem para mim, um sentido. Ou seja, o lugar que abriga criaturas híbridas, onde os papéis de gênero tradicionais estão invertidos por meio de ritos que (des)sacralizam o feminino.

O principal mote para esse trabalho foi a minha corrente transição física e social de gênero, e com a configuração de sociedade normativa em que vivemos, na qual

podemos observar ainda hierarquizações e opressões. Trago uma visão que inverte essa lógica para que fique evidente a maneira pela qual, nós, mulheres, somos oprimidas. No Bosque é possível ver outras imagens de criaturas não-binárias que desafiam as normas de gênero impostas, evidenciando o caráter performático do que é ser homem ou mulher.

Deixar as obras sem título foi uma opção que estimulou os visitantes a contarem suas próprias narrativas; compareci como mediadora cultural pelo menos uma vez por semana, para que pudesse discutir com eles as suas narrativas em convergência com as minhas. Essa foi uma experiência enriquecedora, no sentido de saber a forma com a qual os trabalhos afetavam os visitantes.

A exposição Bosque foi construída durante minha transição de gênero. Durante esse período me privei do contato externo e fiz uma viagem interior de busca do meu próprio ser; passando por alterações psicológicas e corporais que expressei nas telas da exposição.

Butler (1990) entende a transexualidade como uma descontinuidade radical entre prazeres sexuais e partes corporais, uma vez que o prazer sexual está construído e naturalizado no nosso corpo de maneira que as sanções sociais pesem no corpo uma vez que negamos essa construção. *Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mas tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. (BUTLER. 1990, p. 127)*

É desafiador ir contra a um *corpo* que foi construído de forma unilateral. O pênis com o qual nasci significa uma coisa, e eu estou indo na direção oposta a este significado imposto socialmente. Isso se reflete em meu trabalho quando desenho essas criaturas que não possuem gênero bem definido, e que as representações desses órgãos sexuais não despertam prazer. Do contrário, intento despertar com elas incertezas corpóreas.



Sem Título. Nanquim sobre Duratex. 70x60 cm. 2015

Nessas representações estão inscritas a transitoriedade do meu corpo. Uma ida, para algum lugar de onde eu pudesse construir um corpo novo. Da forma que eu o percebia, negando sistematicamente a forma que me foi imposta.

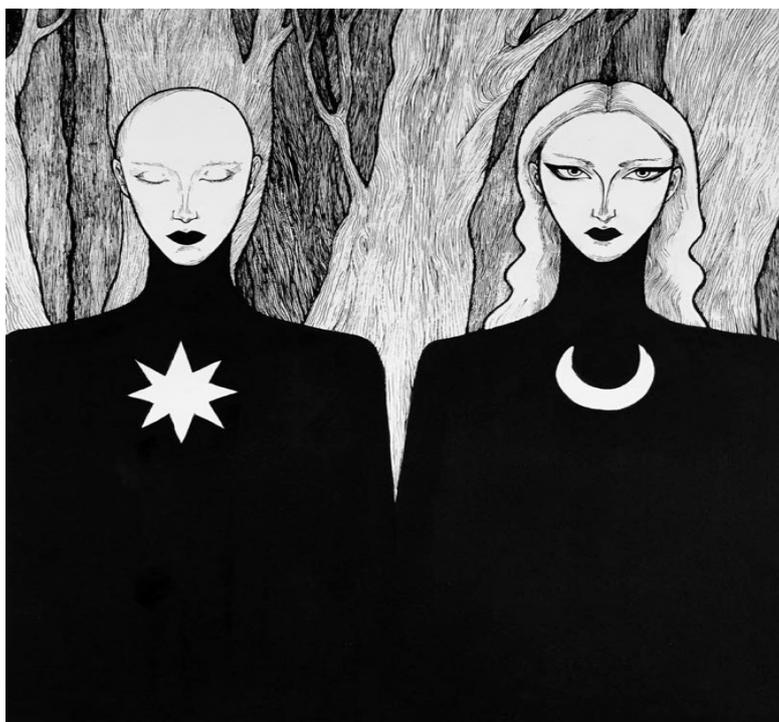


Sem título. Nanquim sobre Duratex. 90x90 cm. 2015

Os corpos como conhecemos, naturalizados, nas imagens acima são subvertidos. Butler (1990) nos fala do seu conceito de *Performatividade no gênero*, que ela descreve como atos repetitivos que se tornam automatizados até serem naturalizados; desse

ponto para quebrar com esses atos e criar novas possibilidades de gênero a autora fala em *Subversão*: Assim como as superfícies corporais são impostas *como* o natural, elas podem tornar-se o lugar de uma performance dissonante e desnaturalizada, que revela o status performativo do próprio natural. (BUTLER, 1990. P. 252)

Os corpos, desta forma, no Bosque, sofrem intervenções subversivas quando retiro deles os seios, a vagina, o pênis. E transformo-os em indivíduos que se pretendem não estar inscritos em nada. Como que seres num nível primitivo do simbólico e do biológico, criaturas fantásticas que não habitam nossa compreensão.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60cm. 2015

Se nos trabalhos anteriores não existem definições marcadas de gênero, nesta parte enfatizo as diferenças de gênero de modo mais subversivo. O estado primitivo do mundo terreno do qual o Bosque trata é sobretudo uma forma de inversão desses papéis. Onde o hegemônico torna-se dominado, e o dominado torna-se hegemônico dentro do microcosmo paralelo do Bosque. Desse modo crio, no Bosque, mais um modo de subversão.

O corpo feminino está coberto de significados, há uma sedimentação nesse corpo de uma sacralização ao longo da História. Em uma das passagens de sua História da Beleza, Umberto Eco (2010) nos mostra como esse ideal de beleza feminino transita entre o pudico, o sensual e o sagrado. No período medieval havia uma concepção de corpo inatingível, difundida pelos trovadores; já que o clero não escrevia sobre esse corpo feminino com frequência. De outro modo no período renascentista o corpo feminino foi visto de modo mais sensual, onde se proliferava entre as mulheres do poder a maquiagem, e as joias; bem como as representações pictóricas desse corpo com as pinturas que resgatavam a sensualidade da Vênus. Havia também uma

perspectiva que mais me interessa ...a mulher angelical certamente não é objeto de desejo reprimido e adiado ao infinito, mas via de salvação, meio de elevação a Deus. (ECO. P. 171; 2010)

Podemos ver como ao longo da história são reforçadas as estruturas do corpo feminino. Utilizo aqui também, da autora Berenice Bento (2006) em sua retomada de uma história do corpo feminino para reforçar minha proposição de que, historicamente, o corpo feminino foi sacralizado:

A proliferação de textos sobre a importância dos seios lactantes como identificadores da condição feminina desloca-se do tema e passa a autonomia. Se no século XVIII os seios lactantes motivam um conjunto de discursos que tentam legitimar-se nas subjetividades enquanto verdades, o século XIX o lê como mais uma prova do dimorfismo dos corpos. Os seios como símbolos da maternidade; a maternidade como destino de todas as mulheres. (BENTO. P. 122, 2006)



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60 cm. 2015

Como forma de deslocamento dessa naturalização do feminino, esse trabalho representa um lado primitivo, feroz, e ameaçador da mulher. Aqui considero os seios não como destino materno, mas sim como armas; que ao serem expostos de forma sensual, num corpo antrozoomórfico, tem como principal sentido a construção de um corpo preparado para a luta, o corpo de uma fera que ataca, com garras afiadas que ameaçam ao invés das mãos delicadas das vênus, nas pinturas e esculturas ao longo da história. Uma criatura preparada não para o sagrado, mas para o profano, para profanar. Uma criatura profanada, no seu próprio corpo.

Em seu livro *Profanações* (2007) Giorgio Agamben nos traz o conceito de *profanação*. No capítulo *Elogio à profanação*, ele define a profanação como a restituição

do que foi tirado dos homens pelo sagrado. Usando metáforas, o filósofo argumenta que os dispositivos do poder retiram as coisas do uso comum e os suspendem. Dessa forma aquilo passa a conter um significado de valor (sagrado), a função da profanação é restituir o uso através de rituais (assim como se constitui o sagrado) tudo o que é de fato direito de todos os homens.

Vejo uma clara semelhança com os modos subversivos do gênero, só que com uma aproximação para o campo da arte. Os artistas têm esse poder de deslocar sentidos para criar representações que causam uma distorção nos dispositivos. Neste trecho o autor nos traz um exemplo de profanação:

...a defecação, que, em nossa sociedade, é isolada e escondida através de uma série de dispositivos e de proibições [...] O que poderia querer dizer: profanar a defecação? [...] Trata-se de aprender um novo uso das fezes, assim como as crianças estavam tentando fazer ao seu modo antes que intervissem a repressão e a separação. (AGAMBEN. P. 72. 2007)

Podemos, ao invés de pensar as fezes, pensarmos o corpo nessa mesma estrutura. Ou seja, a leitura sobre o corpo é um dispositivo, é algo que através da sacralização (performatividade) foi tirado do uso comum. O corpo pertence à esfera do divino, do sagrado; cabe à profanação, através de ritos, restituir o corpo ao uso comum para dele fazermos o que quisermos.

Nesse ponto as artes visuais são de muita importância. Uma vez que pode, através da representação, restituir o que é de uso comum, neste caso o corpo. No Bosque esse exercício é feito diversas vezes: quando apresento corpos não gêneroificados, quando trago novos significados ao corpo feminino e ao masculino através das representações desses ritos profanadores.

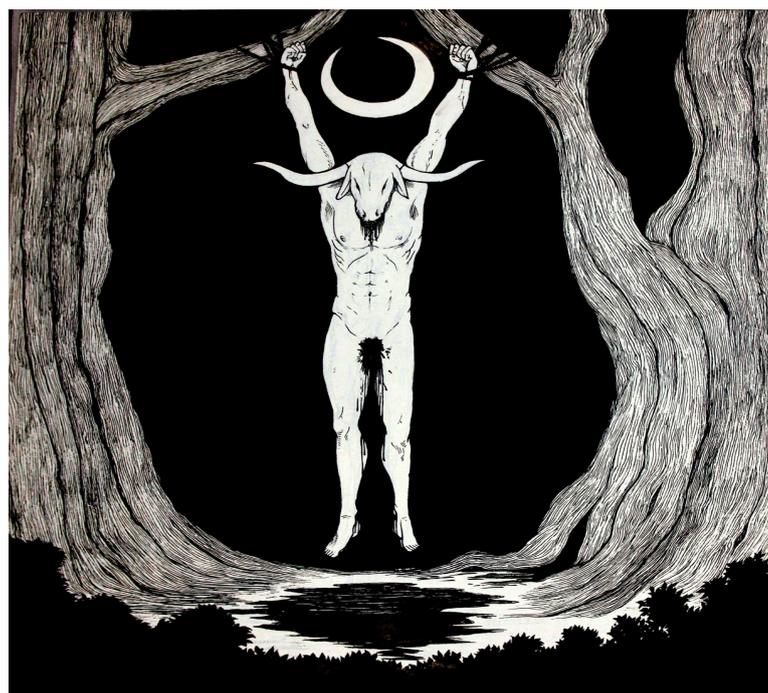
Bosque, contém uma estrutura de rituais em que podemos ver o uso do corpo masculino como sacrifício. Aqui, esse corpo é marcado por uma subserviência ao sagrado feminino.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60cm. 2015

De acordo com o que já foi citado sobre profanação, podemos perceber que nesses ritos criam-se novos dispositivos, onde o feminino domina o masculino, tem direito sobre o corpo masculino através de ritos que os sacralizam como inferiores.

Como artista, pensei o feminino dessa forma porque passava por um processo dentro de um contexto social normativo e falocêntrico; onde dispositivos como a família me obrigavam a aceitar o corpo com o qual eu nasci. Tive ódio do meu corpo. Ódio de uma obrigação, um teatro que não tinha mais sentido. Quis, mediante a ritos de bruxaria (que são práticas históricas associadas ao feminino) livrar-me desse corpo, para renascer.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60cm. 2015



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 90x90cm. 2015

Não sei se é inconsciente, mas foi necessário esse reforço da feminilidade, das estruturas, dessa negação e ódio da construção prévia de gênero recaída sobre meu corpo. Na sua pesquisa para tese de doutorado, Berenice Bento (2006) se depara com discursos de pessoas transexuais que reforçam estruturas já naturalizadas do gênero ao qual elas se identificam. Possuo o mesmo discurso, isso apareceu no Bosque, e embora tenha consciência das implicações negativas desse reforço. Tive que fazê-lo, para construir subjetividade, para colocar-me enquanto sujeito e evitar me tornar uma mentira.

Naquele momento esse foi o entendimento que tinha sobre o que estava passando, o que, não reflete necessariamente como penso no presente e nem como vou pensar meu processo no futuro. Como diz Butler (1990) a categoria de mulher é um *devoir*.

## REFERÊNCIAS

BELINDSON, Dias. **Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pesquisa em Artes**. Anais da CONFAEB. 2010 disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GIORGIO, Agamben. **Profanações**. São Paulo: Boitempo. 2007.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-092-6

